De todos segundo as suas forças.

IL DIRITTO

A cada um segundo as suas necessidades.

PERIODICO COMUNISTA ANARCHICO

Sahe quando pode e se publica por Subscreripção voluntaria.

EGIZIO CINI, Gerente Responsavel — Endereço — IL DIRITTO, Rua Silva Jardim n. 60.

PARANÁ **Coritiba, 25 de Março de 1900** **BRASILE**

IMPORTANTE

Achamos necessario avisar ainda uma vez, todos os leitores do IL DIRITTO que tudo quanto se refere ao jornal, seja redacção como administração, não ha de ser dirigido a nenhum individuo pessoalmente, mas exclusivamente ao

IL DIRITTO
Rua Silva Jardim n. 60.
Curityba.

A PROPRIEDADE

(Continuação V. n. precedente).

—

Verdadeiramente sería um estranho phenomeno que, entre a eterna evolução de tudo quanto existe, só a propriedade escapasse à accão desta lei universal!

Sería estranho que em quanto institutos não menos fundamentaes da propriedade, quaes os Estados, as religiões, a familia supportem, atravez do tempo e no espaço, profundas modificações; quando, sciencias e industrias, letras e artes, as mesmas lingoas falladas, a traços historicos relativamente breves, trasformam-se e renovam-se, só a propriedade ficasse immovel e se conservasse absolutamente irreformavel e além dos poderes naturaes que o homem tem de modificar as cousas humanas ! !

Mas é verdade que tambem a propriedade tem a sua historia, o que quer dizer tive e terá as suas vicendas relativamente àquellas dos ambientes sociaes em que se explica; que por conseguente tambem ella a par de qualquer outro humano instituto, se muda e se modifica, ou não pode ser sempre e em toda parte a mesma.

Para demonstral-o passarei fazendo-o não já da historia, mas dos simples acenos aos movimentos mais salientes da propriedade, e começou para firmar antes de tudo a vossa attenção sobre o que forma o objecto da propriedade !

Objecto da propriedade são as cousas.

Mas fomos sempre de acordo no determinar o que deve ser julgado (coisa), e portanto objecto de direito de propriedade ?

Basta considerar que por seculos e seculos, como quem dizesse em toda a antiguidade e boa parte do medio evo, foi considerado objecto de propriedade, ou (cousa) aquelle mesmo que não poderia ser senão o objecto, o homem.

O homem, que a nós hoje apparece — pelo menos em abstracto — como algum que de inviolavel e de sacro, foi por seculos e atravez de luminosas civilizações, possuido, comprado, vendido, alugado e até comido, como si se tratasse de um animal qualquer, mais ou menos domestico ; digo tambem comido, pois que os historiadores d'aquelles tempos, entre tantas memorias, nos deixaram escripto que certos Lucullos, certos Sardanapalos, se divertiam a fazer afogar de vez em quando algum escravo na lagôa, para poder depois extrahir o peixe que tivesse sabor mais exquisito, mais delicado e estou por dizer mais humano.

È verdade que, quasi em compensação de tratar o homem como coisa, os antigos fizeram, muitas vezes das coisas uma pessoa e tambem uma divindade.

Surpassando sobre os actos de feticismo, sabemos que um imperador romano nomeou senador um seu cavallo e um outro fez presidir o Senado por uma sua bota.

Hoje em dia vós comprehenderei que uma aberração, sobre o que pode ser objecto do direito de propriedade, que se inoltrasse atè a invertir o homem, não sería mais possivel, e quasi nos repunha acreditar que nunca tenha podido entrar nos cerebros humanos.

Portanto os philosophos do tempo, aquelles philosophos do bem que em qualquer epoca presumem dictar dogmas para reger as nações, defendiam nesse tempo a escravidão como hoje se defende a propriedade.

A escravidão, diziam, não é tanto um facto historico, quanto um facto material necessario : sem a escravidão nem tampouco poderia-se imaginar a existencia de um consorcio humano !...

A escravidão cahiu e o mundo não rolou, pelo contrario....

(Continúa)

A Mulher

—

Seria tempo que nos occupassemos da emancipação e da educação social do sexo feminino, que pelo estado de abjecção em que agora é tido, é, a meu parecer uma das causas da degradação do proletariado. De facto, a questão feminista é interessante, tanto do ponto de vista dos soffrimentos moraes e materiaes aos quaes é submettida a mulher, da promiscuidade vergonhosa que lhe inflige o capitalismo, como da nefasta influencia que ella possue sobre a materialidade do homem; e creio que seria urgente que nós trabalhassemos a eleval-a ao nivel intellectual e revolucionario de todos aquelles que querem a emancipação da humanidade do jugo que a opprime.

Não conhecemos bastantemente que actualmente a mulher é um perigo, uma inimiga do movimento social; não se pode exactamente contar o numero dos militantes que por ella desertam a lucta e abandonam para sempre as ideias revolucionarias das quaes eram partidarios convencidos, para não dar desgostos ás suas mulheres e ter a tranquillidade do lar domestico.

De facto, a mulher, por falta de educação social, não é apta a comprehender que o seu pai, marido, irmão, etc. etc., possa fazer sacrificio da liberdade e talvez da vida, pela causa da humanidade: ella vê bem as iniquidades que existem, pois que ella é victima, mas não pode comprehender porque os seres á ella caros possam querer derrubar a sociedade actual e sómente vê o perigo immediato que poderia resultar para elles. *(continúa)*

Logica da violencia

—

Nos parlamentos e fóra, se faz um grande fallar sobre os direitos das minorias. Mas, se esquece que as maiorias nunca respeitaram estes direitos e logicamente, porque as maiorias não podem ser senão conservadoras dos proprios privilegios uma vez que as minorias não tentam senão a restringil-as.

Entre o direito da maioria e o da minoria não pode haver ponto de accordo.

As concessões, dado que aconteçam, de uma maioria á uma minoria não são senão ratoeiras.

As concessões de uma minoria em decadencia, feitas a maioria dominante, não são senão renuncias e traviamentos.

Mas, si a minoria fica na sua intransigencia de frente a maioria, os seus direitos vão a desaparecer nas declamações funambulescas dos charlatãos politicos.

Tambem o direito da protesta vae acabar.... em correccional. Si precisa, se transforma em codigo ou se suprime con o regulamento de publica segurança; as leis estatutarias acompanham as leis excepcionaes... e sobre leis, estatutos, e codigos, embriagada de sangue, na libidine de tirannejar, se assenta torva a maioria, que é sempre a reacção, quando nega outras liberdades, a impor os proprios direitos com a mais tracotante violencia.

O que fica á minoria?

* * *

A violencia é logica de factos determinados.

Negae-me tudo, de expor as minhas opiniões, de viver como me agrada, de protestar contra o vosso dominio, de recusarme de sujeitar-me ás vossas sceleradezas.... e dizei-me qual é o direito que me fica.

Perseguid-me, suffocae-me, negae-me a liberdade, negae-me a vida.... o que me fica, aonde é o meu direito, o direito de mim, minoria?...

A minoria parlamentar, na Camara Italiana, infrange as urnas, unico acto de energia, de vida, de dignidade, após longas velhacadas... Isto não impediu que a maioria triumphasse ainda uma vez. A ruptura das urnas foi uma violencia ao regulamento da Camara, não um attentado á maioria..... che chamou o codigo em seu soccorro.

E então?

É a violencia, na mais cruel manifestação que precisa. Individual e collectiva, violencia sanguinaria.

Não é mais um simples direito de protesta: é o direito da defesa.

* * *

Tambem entre os anarchicos, a cada novo attentado, se grita á revolta inconsulta.

A revolta não é inconsulta: é determinação sempre logica que responde á causas e effeitos.

Vós, maioria, a mim, minoria, podeis negar tudo.

Todos os meus direitos para vós, podem ser uma abstração... mas, fica um direito que vos não podeis negar-me: o direito de procurar-me 75 grammas de acido nitrico, de 25 de acido solforico e de 500 gottas de glycerina e de fazer-vos pular pelos ares.

Vós attentaes á minha vida..... tendes o direito, é o vosso direito de maioria dominante.

Mas eu tenho o direito de defender-me a vida. E pois que esta defesa não a encontro nas leis feitas por vós, na sociedade dominada por vós, assaltado, assalto e vos mino a casa.

È o unico meu direito..., o unico direito das minorias.... é a logica da violencia. G. D.

Não julgamos!

—

Na "Tribuna Italiana" de S. Paulo (Brazil), lemos n'uma chronaca um artiguinho que tem por titulo:

PEQUENOS LADRÕES.

Reproduzimos litteralmente os commentarios do chronista.

« Mas adiante dos furtos que commettem pequenos rapazes, com a malicia e a esperteza dos velhos ladrões, não é a perguntar-se, espavoridos, até onde se chegará um dia, com o multiplicar-se continuo d'estes pequenos delinquentes pelos quaes só a galera tem abertas as suas portas? etc. etc. »

Stupendo, Senhor chronista, o vosso juizo !....

Quanta eloquencia !

Quanto é admiravel a amplidão d'esta phrase !

Dizei-me Sr. Antropologo: escreveis talvez por commissão da policia? Me faz crêl-o; pois que vós, oh Sr. tendes factos anteriores, maiores, para serem commentados; e isso sería doveroso, na qualidade de optimista que sois, antes de espantar-vos pelo progresso de pequenos delinquentes! Antes de tudo, vos previno que eu não entendo fazer a apologia do furto; Deus me livre !

Mas, permetti-me oh Sr., que eu vos diriga uma pergunta :

Quaes são os homens que não têm cobiça de empadronecer-se com a força, do que desejam ? Confessaes que a resposta sería um tanto embaraçante.

Do resto sería-me facil de citar um grande numero de pessoas mui honradas que se empadronecem com a força — não brutal, mas astuta — de quanto desejam.

«Dois rapazes, roubar com a malicia dos velhos ladrões ! ».

Esta censura que vós fazeis á estes rapazes pobres (de certo victimas da infame sociedade) admittido que seja exacto, vós podereis fazel-o com muita razão, a uma massa de individuos que de certo não são considerados como delinquentes. Vós me comprehendeis a maravilha, não é verdade ?

Me fazeis rir quando exclamaes : « Ha a perguntar-se, espavoridos, até onde se chegará um dia etc. »

Quanto pudor ! Que Puristas !.... Sr., como jornalista vos é permittido a fazer polemica, mas neste caso vos arrogastes o direito do criminalista.

Tendes a competencia necessaria ?

Vos sabeis, charo o meu Sr. que cada dia, homens como vós, morrem a fome ! ! ! Vós não podeis negar estas mortes de inacção ; ellas estão escriptas diariemente nos jornaes publicos. O ignoraes ?

Senhor ; Vós sois um jornalista que estaes sujeito ao salario, e eu sou nm simples operario, mas não me vendo !

Nas poucas horas que me sobram, depois do trabalho, as emprego estudando as miserias humanas, e por ellas attinjo a certeza do que escrevo.

Dirigis, oh senhores da penna, os vossos olhares no quadro social! Oh, quantos males, quantas dôres, quantas miserias enxergareis á vós desconhecidas !....

Portanto, um dever vos incumbe : sim senhor. si quereis ser competente no juizo de criminalogia, deveis antes de tudo fazer um estudo profundo de sociologia ; sòmente então, vos convencereis que tudo aquillo que vós chamaes de crime não é senão o producto das condições economicas sociaes.

As doenças canchrenosas, devem ser cauterizadas na sua raiz !

Por ultimo, vós fallaes de casas de correcção etc.

Quanto sois mediocre !

Não é com o carcere, nem tampouco com casas de correcção que se resolvem os problemas afanosos.

Para destruir as factos, precisa destruir o mundo.

Vós sois irresponsavel, porque na vossa mente engendradora do vosso artiguinho, é producto necessario da vossa educação, da vossa professão, do ambiente em que viveis.

Concluimos : Quando oh senhor será desapparecida esta sociedade apodrecida, ao surgir de uma nova, nos chamaremos irmãos : e então a Liberdade, o Amor, a Igualdade, serão as bases da existencia humana !...

C. R.

Revolucionarios ! ?

A brincadeira é tolleravel até um certo ponto.

Ha uma roda de "senhorzinhos", que augmentando o morboso ocio na orgia brutal, se declaram os pioners da Re-vo-lu-ção.

Desconfiaes d' estes.

Uma outra classe de revolucionarios á falladeira são aquelles assiduos frequentadores de vendas, e excellentes consumidores de caxaça, os quaes na ebreza do jogo, no delirio da febre alcoolica, derrubam não sei, quantos milhões do Governos !....

Estes heroes de taverna, com a freuesia de transformar, não saberia qual sociedade, da qual uma vez descidos na onda verdadeiramente "Revolucionaria", basta miral-os no rosto, para convencer-se que são os verdadeiros campeões do Ideal.

Abaixo a mascara, Buffões ! ! !

E acabamos de uma vez com esta vergonhosissima comedia ; pois que é necessario repetir-vos, que vos ponhaes no coração que, não se resolvem os grandes problemas sociaes, com palavras, nem com valentonadas de bebedos.

Mas, o que é doloroso e desconfortante, é, que quando á estes Ravachols de operetas se apresenta a occasião de effectuar as suas rodomontadas, cessam instantaneamente de ser Rrrrrevolucionarios.

Buffões ! ! !

UM ANARCHICO.

DIALOGO

PIETRO. Então, Cesar Batacchi sempre está na cadeia?

LUIGI. Assim é, charo Pedro.

PIETRO. Creio que tenha sido eleito deputado em Pietrasanta.

LUIGI. Peró nos temos certeza que o nosso querido companheiro recusará, máogrado a sua doença.

PIETRO. Porque?

LUIGI. Porque o seu nome não ha de servir á tactica dos socialistas.

PIETRO. Mas, é facto que toda a Italia e boa parte da Europa, todos os homens honestos e de coração, se agitam pela libertação do pobre innocente; tambem muitas lojas massonicas adheriram, apoiando tal agitação.

LUIGI. E eu estou convencido de que o Governo não faz caso das agitações populares; nada menos que agora toda a politicagem italiana é absorvida á causa do novo Decreto-Lei.

PIETRO. Isto não o sabia: mas de que natureza é este Decreto-Lei?

LUIGI. Quanto es simplorio!

PIETRO. Mas porque?

LUIGI. Porque, porque, porque os Decretos-Leis é uma nova repressão a cargo do povo: em summa a força, a prepotencia, a velhacada adoptada ao mais monstruoso sisthema. Agora comprehendes?

PIETRO. Sempre velhacos! Mas, quando desapparecerão estes massacradores do povo?

LUIGI. Não o sei: Vejo porém o grande Edificio rachado em muitas partes, não falta senão o urto popular a derubal-o.

PIETRO. Mas entretanto precisa subjacer ás prepotencias, aos soprusos, ás injustiças destes vagabundos, espolhadores de bancos etc.

LUIGI. A destruição destes polvos depende exclusivamente das massas operarias.

PIETRO. Então por hora não ha remedio?

LUIGI. O remedio está sempre e em qualquer logar, a violencia: me comprehendes?

PIETRO. Não muito, porem o imagino. A proposito, é verdade que Cesar Batacchi é doente de tisica?

LUIGI. Assim não fosse, pobre victima!

PIETRO. Neste caso todos os homens de coração deveriam impor-se ao governo, e....

LUIGI. Outro que impor-se! Precisaria destruir desde o primeiro até o ultimo, esta seita de degenerados principiando d'aquelle moneco coroado de Umberto Primeiro.

PIETRO. Me parece quasi impossivel que o Governo ainda não tenha decidido de abrir as portas da prisão áquelle pobre infeliz de Batacchi, que jaz desde 21 annos, sepultado no presidio de Volterra!

LUIGI. Escuta: Aquelle peralta galonado de Pelloux é influenciado, portanto jaz na cama; porem, máogrado a influencia (verdadeiramente intempestiva), este novo dictador, mandou ordens a todas as Prefeituras do Reino de prohibir qualquer manifestação em favor de Cesar Batacchi.

PIETRO. Velhacos!

LUIGI. O ministro da "Justiça" em pleno Parlamento, declarou que Batacchi é culpado e foi justamente condemnado.

PIETRO. Velhacos!

LUIGI. A marioneta do Quirinal, occupadissimo, no estudo microscopico da diplomacia Europea, e para a inanguração do monumento áquelle sperjuro de Carlos Alberto, cujo netto Rei Mitralha, herdou as suas charas dotes!

PIETRO. Nove milhões de liras que carpirão ao povo!?

LUIGI. Tode a imprensa democratica é occupada em commentar o escandalo a causa de dois delinquentes blasonados, isto é um Senador e um Marques, ambos autores de ingentes estellionatos; e no meio de todo este estrumeiro, de homens e de cousas e neste periodo de tempo, Cesar Batacchi, innocente internacionalista, está morendo!

PIETRO. Velhacos! Assassinos!

LUIGI. Estes "Portas" italianos têm monstruosamente decidido de fazel-o morrer no horrivel cellular de Volterra!

PIETRO. Que infamia! Mas porque?

LUIGI. O porque t'o direi n'uma outra vez.

R. C.

Systema burguez

(diffida)

Com este titulo o periodico S. [illegible] a "Questão Social" de Paterson, avisava todos os companheiros de Buenos Ayres, sobre os actos de um tal Telarico, sedizente anarchico etc.

Nós conhecemos pessoalmente o companheiro Gustavo Telarico; portanto declaramos e sustentamos com toda consciencia a innocencia do companheiro em questão, contra as accusas lançadas pelo companheiro Acanfora.

Vamos de vagar com as excomunhões, porque ellas são armas a dois gumes.

Gustavo Telarico é um companheiro: Acanfora afirma o contrario: mas nada prova! Portanto se adopta o verdadeiro systema burguez!

(Il Diritto).

Piccola Posta

Buenos Ayres — Serantoni. Manda Almanacchi. Il Diritto.

Idem. Obrero Panadero. Accusiamo ricevuta opuscoli. Segue lettera. Gruppo Germinal.

San Paolo — Gigi Damiani. Ricevesti? Accusa. Si aspetta n. unico.

Buenos Ayres — Grupo de los Corrales. Accuso ricevua liste di sottoscrizione. E. Ciui.

Ribeirão Preto. — Canaglia. Ricevemmo. Voi ricevete giornali?